

FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA UFPEL: REPERCUSSÕES EM PRODUTORAS, PRODUTORES E UNIVERSIDADE.

CARLOS GASSEN NASCIMENTO¹; JOSÉ RICARDO KREUTZ² ANTÔNIO CRUZ³;

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – carlos8_gn@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jrkreutz@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – antoniocruz@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, apresento uma demarcação da experiência de incubação de uma feira itinerante de Economia Solidária (EcoSol) na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) como bolsista do projeto de extensão “Apoio as feiras de economia solidaria da Associação Bem da Terra – comércio justo e solidário”, assim como estudante de psicologia e estagiário na área de promoção e prevenção em saúde no Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária (TECSOL).

A EcoSol é uma forma diferente de consumir e produzir, tanto alimentos e artesanato quanto oferta de serviços, buscando aproximar as pessoas, promovendo a autonomia de quem produz e garantindo uma procedência e qualidade para quem consome, seguindo princípios da autogestão e do comércio justo (SINGER, 2002). Diferente da heterogestão, onde existe uma hierarquia vertical de conhecimento sobre o trabalho e poder sobre a tomada de decisão de uma empresa, o modelo cooperativo autogestionário implica a participação de todas as pessoas associadas ao empreendimento nas decisões tomadas sobre a mesma (SINGER, 2002). A principal ferramenta para construir a autogestão é a assembleia deliberativa: espaço de reunião onde se tomam decisões horizontais, identificando e discutindo pautas de forma participativa e democrática.

O Comércio Justo, um dos pilares da EcoSol, aproxima consumidores e produtores por meio da remoção de intermediários, como transportadoras e grandes redes de supermercados, que encarecem produtos e lucram em cima de trabalhadores(as): por exemplo, do meio rural (CRUZ, 2017). O encontro de pessoas que desejam consumir de forma mais responsável e de trabalhadoras e trabalhadores não mais subordinadas a grandes empresas, propõe uma forma alternativa de comércio e troca: quem produz recebe um preço mais justo, e quem consome conhece a origem dos produtos e aprende sobre os métodos de produção.

Neste caso, são produtoras e produtores rurais e urbanos ocupando um local onde se produz conhecimento, ciência e tecnologia. O espaço é uma feira que sugere uma ética de consumo e um trabalho que promove desenvolvimento humano e emancipação do modelo capitalista convencional, este comumente adoeedor (BAUMAN, 2010). Logo, surge o objetivo da demarcação deste texto: identificar e refletir como esta experiência afeta os(as) protagonistas, seja a universidade ou as pessoas que produzem e participam da feira.

2. METODOLOGIA

As feiras surgem em 2019, por demanda da Associação de Produtores Bem Terra (ABdT), em forma do projeto de extensão de auxílio as feiras. O projeto propõe a implementação e incubação de uma feira de EcoSol, em três *campi* da UFPel: Anglo, Instituto de Ciências Humanas (ICH) e Capão do Leão. A incubação é a metodologia pela qual o TECSOL oferece assessoria e consultoria a Empreendimentos de Economia Solidária (EES) de Pelotas e região. A incubação é realizada por estudantes, professoras(es) e técnicos(as) da UFPel vinculados ao TECSOL e ao projeto.

O processo de incubação consiste em atuar junto à associação nas atividades de planejamento e execução das feiras, bem como com atividades formativas. Tratando-se de uma associação de EES, a autogestão permeia todas as decisões que dizem respeito às feiras, desde datas, horários, divulgação, grupos participantes e aquisição e utilização de recursos materiais, humanos e digitais. O objetivo final do projeto e da incubação é a desincubação das feiras, ou seja, auxiliar no desenvolvimento de autonomia nas atividades da feira. Para realizar esta tarefa, o TECSOL, dispõe de uma equipe interdisciplinar, de áreas como: Psicologia, Economia, Relações Internacionais e Agronomia.

As atividades são realizadas, como diz Cora Coralina, com uma postura horizontal de “Transferir o que sabe e aprender o que ensina”, ou seja, desenvolver conhecimento coletivo e autonomia junto às produtoras e produtores, e não dizer o que fazer. Afinal, a incubadora faz parte das feiras e tem o mesmo objetivo da associação: o sucesso e permanência delas. Na prática, as atividades são: participação nos espaços de assembleia da ABdT; planejamento, junto à associação, de estratégias de divulgação, transporte e execução; facilitação da comunicação entre a Pró-Reitoria de Planejamento e a ABdT; participação nas feiras e nas demandas que surgem durante estas; o registro da experiência de incubação, assim como a produção acadêmica resultante da mesma.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As feiras presenciais são de grande valor para a EcoSol, as várias características da sua implementação, desde o pré-trabalho de organização e transporte, o enfrentamento coletivo de eventuais problemas e situações inesperadas, até a divulgação das feiras e do próprio modelo econômico solidário; são analisadores de como se desenrolam os processos de autogestão do grupo, a percepção de coletividade do grupo e a implicação individual e coletiva com relação às tarefas e demandas propostas pelas tarefas (LOURAU, 2004). Os tipos de produtos oferecidos a cada público em cada espaço, tal quais as interações resultantes dos processos de troca, tanto de produtos como de conhecimentos, são indicadores de como esta forma diferente de consumir e vender afeta a saúde e a vida das pessoas envolvidas (BAREMBLIT, 2002).

Os produtos carregam não só valor nutritivo e monetário, mas todo um método de produção aliado a este ideal de trabalho e vida, tanto quanto uma proposta diferente de modelo econômico e de consumo. Quem compra na feira, além de comprar, por exemplo, alface, consome esta ética, e quem não a conhecia, tem a oportunidade de conhecer.

“Mas não se compra alface na universidade.” É uma frase comum de se ouvir de pessoas que estão vendo ou ouvindo sobre a feira pela primeira vez, o

que se percebe de falas e comportamentos semelhantes no contexto universitário, é que muitas pessoas percebem esta feira itinerante como inadequada. Segundo Bauman (2010), o inadequado é o método, comportamento ou pensamento que vai contra as condições impostas aos indivíduos pelos ambientes aos quais pertencem. O ambiente universitário é considerado um local de produção de ensino, pesquisa e extensão, porém, a extensão que a universidade faz até a comunidade é comumente considerada menos importante, tal qual a feira que vende alface.

Ao mesmo tempo, outras pessoas veem mais do que um produto hortifrutigranjeiro na alface, apostam em uma ética que está entrelaçada a um método de produção e uma proposta de consumo, trabalho e vida diferentes (CRUZ, 2017). Voltando ao *inadequado* de Bauman (2010), tomando instância contra as condições de comércio e produção capitalistas convencionais, o desejo de fazer feiras na UFPel e a concretização deste movimento instituem novas possibilidades para além das iniciais. Agora, o público da universidade, possivelmente alienado e capturado pelo mercado capitalista, tem a possibilidade de consumir e aprender EcoSol. Isto é uma pequena provocação que pode produzir um novo ideal ético de consumo em cada sujeito.

O encontro de produtoras(es) com consumidores(as) é diferente em cada local: No Campus Capão, estudantes do TECSOL que trabalham e estudam agroecologia conversam sobre tecnologias e perguntam sobre produtos. Enquanto isso, pessoas ao redor param para escutar, às vezes tem o ímpeto de conhecer mais, às vezes não, no entanto, expor seus métodos de produção e conhecimentos neste ambiente é um momento de realização para as produtoras e produtores. Já no ICH, a feira inicialmente não vendia tão bem, mas as(os) estudantes das áreas sociais, humanas e das artes, demonstraram grande interesse pelo contexto da feira: “Quem são vocês? De onde vem? O que fazem? Que produto é este?” Estas são as perguntas que toda trabalhadora ou trabalhador da EcoSol quer ouvir!

De acordo com Dejours (2012), é apenas na prática do trabalho e nas situações inéditas que demandam soluções criativas que a pessoa aprende sobre o seu trabalho e pode avaliar o quanto bem o executa. Não há estudo, teste ou oficina que possa avaliar aptidão ou preparar, de forma definitiva, uma pessoa para um trabalho. O mesmo se aplica no modo de trabalhar autogestionário e na transição de trabalho individualista e comumente subordinado, para o cooperativo.

Ao longo da experiência, várias intervenções e diálogos, tanto em grupo como individuais, reduziram gradualmente demandas que isentam de responsabilidade um(a) produtor(a) associado(a), e, ao mesmo tempo, depositam toda esta responsabilidade em uma pessoa considerada superior na hierarquia de poder e/ou conhecimento, seja uma coordenadora da associação, um professor ou um bolsista. Aos poucos, estas demandas verticais se tornaram mais horizontais e recheadas de propostas, como: “Vai chover? A gente podia fazer a feira do lado de dentro.” “Tá escuro, que tal a gente falar com o guardinha da unidade pra usar uma tomada?” “Os gazebos estão ruins, como conseguir um projeto de aquisição de materiais?”.

Um dos processos mais valiosos da experiência até agora foi a criação de um fundo solidário entre os produtores rurais, o fundo surgiu de um problema comum entre pequenos agricultores e/ou moradores do meio rural: o transporte para os espaços de comércio na cidade. Tendo em vista o período de até dois anos de suporte da UFPel, assim como os recentes cortes orçamentários sofridos

pelas instituições federais de educação, a associação criou um fundo solidário para adquirir e manter uma logística de transporte, tanto para as feiras da UFPel, quanto para outros eventos na cidade.

4. CONCLUSÕES

É no espaço da feira e durante os diálogos “cara a cara” que a EcoSol se propaga da forma mais efetiva. Sendo uma proposta de aproximação entre pessoas no contexto de trabalho e consumo, as estratégias de divulgação acabam por triunfar quando pessoas interagem de perto, usando atravessadores midiáticos apenas como um chamado para se aproximar e conhecer mais.

Tal qual é nas conversas e encontros que os produtores e produtoras se empoderam como coletivo e como indivíduos que detém um grande saber sobre sua atuação. É através deste empoderamento que se posicionam como resistência cooperativa dentro de uma sociedade competitiva e individualista, essa resistência que surge dentro do “mundo do trabalho” é o que Dejours (2012) chama de indicador de saúde no trabalho.

Da mesma forma, os processos de autogestão se desenvolvem ao longo das feiras, o coletivo demonstra cada vez mais autonomia com relação às decisões que precisam ser tomadas e a forma como são tomadas. No que diz respeito às feiras, a coordenação da ABdT não é quem resolve problemas e acolhe as demandas, é o grupo inteiro que faz a feira que se junta e discute propostas, como o fundo solidário. A tendência é que esta coletividade continue se desenvolvendo e possa se espalhar em todos os espaços da associação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. Capitalismo Parasitário e Outros Temas Contemporâneos.
Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010. 96 p.

BAREMBLITT, G. F. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática, 5ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002 (Biblioteca Instituto Félix Guattari; 2).

CRUZ, A. Circuitos locais de comércio justo: produção, distribuição e consumo articulados solidariamente em organizações territoriais – Brasil e Argentina. Anais da VI Conferência Internacional de Pesquisas e Estudos sobre Economia Social e Solidária. Manaus, CIRIEC-Brasil, 2017.

DEJOURS, C. Trabalho Vivo. Tomo 1, Sexualidade e Trabalho. Tradução Franck Soudant. Distrito Federal: Editora Paralelo 15, 2012. 216 p.

LORAU, R. Analista Institucional em Tempo Integral. Editora Hucitec, 2004. 287 p.

SINGER, P. Introdução a Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2002. 127 p.